



Nº. 001Nov./2000 P.1- 4

CULTIVAR DE ALGODOEIRO HERBÁCEO
"CNPA 7H" PARA RORAIMAAlfredo do Nascimento Junior ¹
Oscar José Smiderle ¹
Vicente Gianluppi ²
José Alberto Martell Mattioni ³

Em Roraima, a cultura do algodoeiro surge como uma alternativa de cultivo e com amplas perspectivas de expansão, principalmente com base nos resultados de pesquisa obtidos, características climáticas da região, interesse de empresários e a crescente demanda de seus produtos para a economia nacional. Uma das principais demandas dos agricultores para o cultivo do algodoeiro no Estado é a disponibilização de cultivares com expressivo potencial de rendimento com adaptação às condições locais. Neste comunicado é apresentada como sugestão de cultivo, a cultivar CNPA 7H para o Estado, como sua descrição, desempenho obtido a nível local e algumas recomendações de manejo e tratamentos culturais.

1 Eng. Agr. MSc. Dr., Pesquisador da Embrapa Roraima.

2 Eng. Agr. MSc., Pesquisador da Embrapa Roraima.

3 Eng. Agr. MSc., Área de Comunicação e Negócios da Embrapa Roraima.

A cultivar CNPA 7H originou-se do cruzamento intervarietal da Tamcot SP 37 x IAC 17, realizado no município de Campina Grande, PB, em 1985. Posteriormente, através de seleção genealógica, obteve-se a linhagem CNPA 85-263, que foi avaliada durante 7 anos, sendo que, nos anos de 1991 e 1992, esta avaliação se estendeu por todo o Nordeste, em 20 locais reconhecidamente produtores de algodão, e também no Centro-Sul do Brasil. Sua avaliação no Estado de Roraima teve início em 1999.

As plantas da cultivar apresentam haste central arroxeadada, folhas lobadas, com nectário na nervura principal e são compactas. Apresentam a inserção do primeiro ramo frutífero em média a partir do 5º nó, e a floração inicia-se em média aos 50 dias após a emergência das plântulas. A flor possui pétalas creme, sendo esta também a cor predominante do grão de pólen. As maçãs são grandes e ovais, com 4 a 5 lojas por fruto, e na grande maioria, cinco. Os primeiros capulhos aparecem em média aos 85 dias após a emergência, completando o ciclo nas condições de clima e solo de Roraima, aos 120 dias, sendo considerada de ciclo precoce.

Nos ensaios conduzidos em Roraima no ano de 1999 em regime de sequeiro (em área de primeiro ano com baixa fertilidade do solo) e em 1999/2000 sob irrigação (em solo corrigido, cultivado anteriormente e de alta fertilidade), a cultivar apresentou rendimento médio de algodão em caroço de 1.480 e de 5.015 kg.ha⁻¹, respectivamente. Em ensaios conduzidos nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste do Brasil tem apresentado rendimento satisfatório em diferentes condições de cultivo com média de 1.759 kg.ha⁻¹ em condições de sequeiro e não raro de 4.000 kg.ha⁻¹ em condições de lavouras irrigadas, evidenciando a excelente adaptabilidade do material, também demonstrada em Roraima (Quadro 1). Considerando o tipo de planta, principalmente pela arquitetura e facilidade de colheita, é ideal para o cultivo por pequenos e médios produtores.

Quadro 1. Rendimento médio (kg.ha⁻¹) de algodão em caroço da cultivar CNPA 7H em

Roraima e regiões Centro- Oeste, Sudeste e Nordeste do Brasil.

Local (ano agrícola)	Condições de cultivo	Rendimento (kg há ⁻¹)
Boa Vista- RR (1999)	Sequeiro, área de primeiro ano com baixa fertilidade	1.480 ¹ 5.015 ¹
Boa Vista- RR (1999/00)	Irrigado, solo corrigido, com alta fertilidade	1.759 e 4.000
Centro- Oeste, Sudeste e Nordeste do Brasil	Diversos (Sequeiro e Irrigado)	

1 Média de quatro repetições.

Para a qualidade e rendimento de fibra a cultivar apresenta porcentagem de fibra considerada alta, 39,1 % em condições do Nordeste, em Roraima, o valor obtido foi 42,8 % no cultivo de sequeiro de primeiro ano. O comprimento comercial da fibra enquadra-se na faixa de 32-34 mm, considerada, portanto, como fibra média. A finura fornecida pelo micronaire é fina. O fio possui forte tenacidade e bom alongamento.

Para que a cultivar CNPA 7H expresse bem seu potencial produtivo e com qualidade, são necessárias que sejam satisfeitas algumas exigências culturais, bem como a utilização racional dos insumos agrícolas. Recomendando-se:

- espaçamento de 0,7 a 1,0 m entre fileiras com cinco a dez plantas por metro linear;

- utilizar preferência, sementes deslintadas com ácido sulfúrico, usando-se de 12 a 15 kg.ha⁻¹, com valor cultural elevado, superior a 75 %;

- adubar somente com base nos resultados das análises de solo, respeitando-se os níveis críticos dos nutrientes. Considerando o baixo teor dos elementos nutrientes nos solos de Roraima, quando realizar a correção de solo, dar preferência para a utilização de superfosfato simples, e na adubação de manutenção procurar utilizar adubos que tenham sido formulados com produtos que contenham cálcio, magnésio e enxofre. Na adubação de cobertura em lavouras de sequeiro, aplicar 40 kg.ha⁻¹ de nitrogênio naqueles solos com maior quantidade de matéria orgânica e de melhor fertilidade e 60 kg.ha⁻¹ nos solos intensamente cultivados, desgastados ou erodidos, utilizando-se preferencialmente como fonte o sulfato de amônio, 0,8 a 1,5 kg.ha⁻¹ de boro e 2 a 4 kg.ha⁻¹ de zinco, dividindo-se em duas parcelas, sendo a

primeira após o desbaste e a última no início da floração. É importante que a decisão da quantidade a ser aplicada dentro das faixas recomendadas seja realizada por um agrônomo ou um técnico, pois os conhecimentos sobre as interações dos nutrientes no solo, disponibilidade de recursos e o histórico da área, devem subsidiar o profissional na orientação. Em lavouras irrigadas ou que adotam grande utilização de tecnologia como o uso elevado de insumos e mecanização agrícola desde o preparo do solo a colheita, colocar pelo menos 90 kg.ha⁻¹ de nitrogênio em cobertura, dividindo-se a aplicação de acordo com a recomendação para o cultivo de sequeiro;

- manter o cultivo livre de competição de ervas daninhas, principalmente até aos 60 dias da emergência, com capinas rasas de no máximo 3 a 4 cm;

- controlar as pragas segundo o nível de dano, levando-se em consideração o "Manejo Integrado de Pragas" (MIP), que combina métodos de controle cultural, biológico, químico e legislativo, em esquema de produção integrada, objetivando um controle de pragas dentro de uma concepção global de planejamento, onde a produção é vista como uma obra com diversas etapas interdependentes. Entre as várias práticas apontadas evidencia-se: o preparo de solo, adubações, escolha de variedade, espaçamentos, controle de doenças e plantas daninhas, arranquio e queima das soqueiras logo após a colheita, etc.

- realizar a primeira colheita manual quando, aproximadamente, 50 a 60 % dos frutos estiverem abertos. De quinze a vinte dias depois se faz a colheita final.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BELTRÃO, N.E.M. (org.). **O agronegócio do algodão no Brasil**. Brasília: Embrapa Comunicação para Transferência de Tecnologia, 1999. 2v. 1023p.

RAIJ, B. van. **Avaliação da fertilidade do solo**. Piracicaba: Instituto da Potassa & Fosfato, 1981. 142p.